

Aline Débora de Souza Silva

Zoraide Portela Silva

DIÁLOGOS ANCESTRAIS

**Sequência didática:
tocando e cantando ijexá**





UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH - CAMPUS VI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, LINGUAGEM E
SOCIEDADE
LINHA I ENSINO, LINGUAGEM E IDENTIDADE

DIÁLOGOS ANCESTRAIS

Sequência didática: tocando e cantando ijexá



Produto Educacional: Diálogos Ancestrais - Sequência Didática tocando e cantando ijexá, resultante da dissertação de mestrado intitulada Tambores Ancestrais: a educação musical e seus processos de ensino e aprendizagem através da ancestralidade, um projeto sociocultural do terreiro de candomblé Ilê Asé Dana Dana em Caetité, BA; apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade como requisito parcial para o título de Mestra em Ensino.

Orientadora: Zoraide Portela Silva
Linha de pesquisa: Ensino, Linguagem e Identidade.

FICHA CATALOGRÁFICA

S586d Silva, Aline Débora de Souza.

Diálogos Ancestrais: Sequência Didática tocando e cantando Ijexá. Aline Débora de Souza Silva, Zoraide Portela Silva. Caetité/BA. 2025. 60p.

Produto Educacional elaborado no Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade - Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus VI, Caetité/BA, 2025.

ISBN: 978-65-01-71942-9

1. Ijexá. 2. Educação musical. 3. Oralidade. 4. Ancestralidade. 5. Cultura afro-brasileira. I. Silva, Aline Débora de Souza. II. Universidade do Estado da Bahia. III. Título.

Bibliotecário Carlos Roberto M. de S. Marinho CRB 5/2142

CDD: 372.87



FICHA TÉCNICA

Título: Diálogos Ancestrais: Sequência Didática tocando e cantando Ijexá

Origem do produto: Dissertação intitulada: Tambores da Magia: ações educativo-musicais no projeto sociocultural do terreiro de candomblé Ilê Asè Dana Dana em Caetité, Bahia.

Nível de ensino a que se destina o produto: Educação básica e superior.

Área do conhecimento: Educação, Artes, Música.

Público alvo: Professores, alunos da educação em geral.

Categoria deste produto: Oficinas

Finalidade: Promover a valorização da musicalidade afro-brasileira por meio do ensino e da prática do Ijexá, abordando suas dimensões rítmicas, melódicas e culturais. Busca proporcionar um espaço de pertencimento e diálogo, onde a música é compreendida não apenas como linguagem artística, mas também como veículo de memória, identidade e resistência.

Organização do produto: Aline Débora de Souza Silva

Divulgação: Meio digital

Disponibilidade: Liberada a reprodução total ou parcial do produto, mediante citação da fonte e autoria. Proibida a reprodução para fins comerciais

Registro do produto:

Idioma: Português

Cidade/Estado: Caetité, Bahia.

País: Brasil

Ano: 2025



RESUMO

O presente produto educacional, "Diálogos Ancestrais: Tocando e Cantando Ijexá", é uma sequência didática voltada para a vivência do Ijexá como expressão musical, cultural e identitária afro-brasileira. O material propõe um percurso de aprendizado que valoriza a oralidade e a ancestralidade, proporcionando experiências práticas de experimentação rítmica, canto e expressão corporal. A proposta nasce da necessidade de ampliar o reconhecimento da musicalidade negra como um patrimônio vivo, integrando história, resistência e pertencimento.

A sequência didática é composta por oficinas que abordam desde a contextualização histórica do Ijexá até a sua aplicação na música popular brasileira, promovendo uma experiência imersiva e coletiva. Além da prática musical, o material incentiva reflexões sobre a identidade afro-brasileira, o racismo estrutural e a importância da cultura afro-diaspórica na formação da sociedade brasileira.

Por meio deste trabalho, busca-se não apenas ensinar um ritmo, mas abrir caminhos para um ensino musical mais inclusivo, plural e conectado às raízes ancestrais. O Ijexá, com sua cadência fluida e envolvente, é aqui compreendido como uma linguagem que atravessa gerações, reafirmando a importância da música como elo entre memória e resistência.

Palavras-chave: Ijexá, educação musical, oralidade, ancestralidade, cultura afro-brasileira.

ABSTRACT

The educational product "Ancestral Dialogues: Playing and Singing Ijexá" is a didactic sequence designed to experience Ijexá as a musical, cultural, and identity expression of Afro-Brazilian heritage. This material proposes a learning path that values orality and ancestry, providing practical experiences in rhythmic experimentation, singing, and body expression. The project arises from the need to expand the recognition of Black musicality as a living heritage, integrating history, resistance, and belonging.

The didactic sequence consists of workshops that cover the historical contextualization of Ijexá to its application in Brazilian popular music, promoting an immersive and collective experience. Beyond musical practice, the material encourages reflections on Afro-Brazilian identity, structural racism, and the importance of Afro-diasporic culture in shaping Brazilian society.

Through this work, the goal is not only to teach a rhythm but also to open paths for a more inclusive, plural, and ancestrally connected musical education. With its fluid and engaging cadence, Ijexá is understood here as a language that transcends generations, reaffirming music's role as a link between memory and resistance.

Keywords: Ijexá, music education, orality, ancestry, Afro-Brazilian culture.

QUEM SOU EU



Sou Aline Débora de Souza Silva, mas muitos me chamam de Débora Mares. Nascida em São Bernardo do Campo (SP), mudei-me para Montes Claros (MG) aos 10 anos, cidade onde me criei e construí grande parte da minha trajetória. Hoje, meu coração pertence à Bahia.

Filha de Elias e Vânia, fui iniciada no mundo da música ainda na infância, graças ao carinho e incentivo deles. Meus pais, sempre presentes e apaixonados pela arte, me mostraram desde cedo o poder transformador da música. Eles foram os primeiros a me guiar por esse caminho, criando um ambiente de amor e encorajamento que se tornou fundamental em minha jornada. Desde então, a música tem sido minha companheira, um território de refúgio e descoberta, um espaço onde posso me expressar, aprender e compartilhar.

Sou licenciada em Música com habilitação em Piano pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes, 2009), especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Supervisão e Coordenação Escolar, ambas pelo ISEIB (2012), além de estar cursando uma especialização em Musicoterapia pelo Instituto Graduale.

Sou também filha de Oxum e carrego em minha trajetória acadêmica e pessoal o compromisso com a valorização da cultura afro-brasileira, da oralidade e da ancestralidade

Minha pesquisa sobre o Ijexá reflete essa busca por integrar a música, a identidade e a educação como caminhos de pertencimento e resistência.

Acredito que a educação musical precisa ser um espaço de pertencimento, diálogo e resgate das raízes que nos formam.

Este trabalho representa essa caminhada: um encontro entre a pesquisa, a prática e a ancestralidade, reafirmando a música como elo entre tempos, culturas e memórias.”



**“Antes de tudo, veio a música”
Mateus Aleluia**

ORIENTADORA



Por ser uma mulher negra, intelectual, professora de Literaturas Comparadas, parto do pressuposto de que a Literatura Negra e as Literaturas Africanas, ao articularem a diversidade e a multirracialidade com a dimensão social de seu conteúdo estético, oportunizam reflexões e constituem-se enquanto políticas de combate ao racismo.

Tenho como referências para os estudos das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa autores e autoras como Ana Mafalda Leite, Rita Chaves, Tânia Macedo, Abdala Junior, Franz Fanon, Achille Mbembe, Carmen Lúcia Tindó Secco, Oyèrónké Oyěwùmí, Inocência Mata, Francisco Noa, Nazir Ahmed Can, entre outros, a partir dos quais estruturo minhas próprias epistemes.

O caminho das leituras levou-me a perceber como o adoecimento mental e o racismo estrutural recriam os processos de silenciamento a que foram submetidas as mulheres negras, bem como levam à negação da carreira de uma mulher negra.

Ao me afirmar enquanto mulher negra, venço as condições adversas e ocupo papéis sociais que identifico como voz soante na academia, sem o conformismo da fragilidade que a sociedade impõe às mulheres. A pluralidade étnica que faz a composição da nossa sociedade e a ação educativa alimentam as discussões sobre racismo, machismo, LGBTfobia e invisibilidade de pessoas negras e se expandem em outros espaços de formação.

Estes esforços em encontrar tais estratégias se intensificaram a partir dos anos 2002 e se materializam em algumas reflexões levantadas em minha dissertação de mestrado, defendida em 2005 pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, com o tema “A Poesia Quilombola de José Carlos Limeira” e, pelo meu doutoramento, concluído em 2014 pela Universidade de São Paulo – USP, que teve como tema de pesquisa “José Luandino Vieira: Memórias e Guerras Entrelaçadas com a Escrita”.



DEDICATÓRIA

Aos meus ancestrais















Carregados pelo vento e pela dor, mas também pela força de um povo que nunca se esquece de onde veio. Na travessia do Atlântico trouxeram consigo a memória, os tambores, os cantos, a fé e a coragem.

O mar, que testemunhou suas lágrimas e sua resistência, hoje embala meu caminhar. Cada onda me sussurra histórias, cada gota me lembra que sou continuidade, sou filha da diáspora, sou parte desse oceano de memórias que não se apaga.

Dedico este trabalho a vocês, que fizeram do som um refúgio e da música uma linguagem de liberdade. Que meu estudo, minha voz e minhas mãos continuem ecoando suas batidas, honrando tudo o que foi trazido na travessia e tudo o que ainda resiste. Por vocês, com vocês, em vocês.

Axé.

SUMÁRIO

	Introdução	13
	Ao Educador	15
	Diálogos Ancestrais	17
	Seqüência Didática: Tocando e cantando Ijexá	24
	Conhecendo o Ijexá	26
	Ijexá: ritmo, cultura e identidade afro-brasileira	30
	Oficina 01: Contextualização história e cultural do Ijexá	32
	Oficina 02: Experimentação rítmica e percussão corporal	35
	Oficina 03: Cantando	38
	Oficina 04: Expressão corporal e dança no Ijexá	41
	Oficina 05: Identidade e resistência	44
	Oficina 06: Encerramento com roda de Ijexá	46
	Avaliação: Caminhos da aprendizagem	49
	Reflexão Final: O som que nos conecta	51
	Sugestão de repertório	54
	Referências Bibliográficas	58

INTRODUÇÃO

A musicalidade afro-brasileira carrega em suas batidas a resistência de povos que, ao longo dos séculos, preservaram seus saberes e tradições por meio da oralidade e da memória. Dentre os inúmeros ritmos de matriz africana presentes no Brasil, o Ijexá se destaca por sua forte ligação com a espiritualidade, a identidade negra e a construção de espaços de pertencimento cultural.

O presente produto educacional, "Diálogos Ancestrais: Tocando e Cantando Ijexá", é uma sequência didática que propõe a vivência do Ijexá como expressão musical, corporal e identitária. Construído a partir das reflexões e experiências do projeto sociocultural Tambores da Magia, projeto sócio-cultural no terreiro de candomblé Ilê Asé Dana Dana, em Caetité-BA, este material busca promover um ensino que valorize a ancestralidade, o pertencimento e a diversidade étnico-racial.

Por meio de oficinas que envolvem a experimentação rítmica, o canto, a dança e a contextualização histórica, esta sequência didática visa aproximar educadores e estudantes das tradições afro-brasileiras, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e para a valorização da cultura negra no ambiente escolar e universitário.

O ensino do Ijexá, além de estimular a musicalidade e a criatividade, fortalece a identidade e reafirma a importância da oralidade como forma de transmissão de conhecimento.

Ao longo deste material, serão apresentadas atividades estruturadas para diversos públicos, aliando teoria e prática na construção de um aprendizado significativo. A musicalidade do Ijexá será explorada em suas múltiplas dimensões: como expressão de fé, resistência e identidade, demonstrando sua relevância tanto no contexto religioso do candomblé quanto na música popular brasileira.

Este produto educacional se propõe, assim, a ser um convite ao diálogo ancestral, ressoando os sons dos tambores que atravessaram o Atlântico na memória de um povo e continuam vivos nas práticas culturais afro-brasileiras. Que cada batida seja um reencontro com a memória e um passo à frente na construção de uma educação mais plural, inclusiva e conectada às raízes de nosso país.



AO EDUCADOR (A)

Caro(a) educador(a),

A música carrega memórias, histórias e identidades. No Brasil, os ritmos de matriz africana desempenham um papel fundamental na construção de nossa cultura, resistindo ao apagamento histórico e transmitindo saberes ancestrais por meio da oralidade. O Ijexá, presente nos terreiros de candomblé, nos blocos afro e na música popular, é um desses ritmos que ecoam pertencimento, espiritualidade e conexão com nossas raízes.

O material "Diálogos Ancestrais: Tocando e Cantando Ijexá" foi concebido para ser um recurso pedagógico que valoriza a musicalidade negra ancestral, proporcionando aos estudantes não apenas a experimentação sonora, mas também uma imersão em aspectos históricos, identitários e socioculturais. A sequência didática aqui apresentada oferece atividades teóricas e práticas, buscando aproximar os alunos da cultura afro-brasileira de forma sensível e interativa.

O conceito de Diálogos Ancestrais é o fio condutor deste material, enfatizando a importância da oralidade como forma de transmissão de conhecimento e da música como linguagem que conecta diferentes tempos e espaços. Antes das palavras, havia o som. E é esse som – vibrando nos tambores, nas vozes e nos corpos – que nos liga aos nossos antepassados. Ao ensinar o Ijexá, você não apenas trabalha a musicalidade, mas também possibilita que seus estudantes se reconheçam em uma história de resistência e pertencimento.

Cada oficina propõe vivências que integram o canto, a percussão e a dança, estimulando a participação ativa dos estudantes. O aprendizado se dá pelo corpo, pela escuta, pela coletividade, respeitando a tradição oral que sustenta esses saberes há séculos. Ao utilizar este material, você estará não apenas ensinando um ritmo musical, mas promovendo um espaço de reflexão sobre identidade, memória e resistência.

Esperamos que esta sequência didática seja uma ferramenta transformadora em sua prática pedagógica, ampliando as possibilidades de ensino e aprendizado. Que cada batida do tambor reverbere no coração dos estudantes, conectando-os com a ancestralidade e fortalecendo o respeito pela diversidade cultural.

Boa jornada!



DIÁLOGOS ANCESTRAIS





DIÁLOGOS ANCESTRAIS



Dizem que o mundo foi criado pelo som da Kalimba. Antes das palavras, antes dos nomes, havia apenas o som – vibrando no ar, preenchendo os espaços vazios, dando forma ao que ainda não existia. Era um som que carregava histórias, memórias e vidas. E esse som nunca se perdeu.

Naquela manhã, o pátio da escola Ayòkúnlé estava vivo. O vento soprava diferente, trazendo consigo sussurros que pareciam antigos, como se os ancestrais também tivessem se sentado ali para ouvir. O cheiro da terra misturava-se ao calor do sol, e as sombras das árvores se alongavam como braços que protegem aquele encontro.

A mediadora Odara segurava uma Kalimba e seus pequenos metais brilhando sob a luz dourada. Ela tocou uma melodia breve, deixando que o som se espalhasse pelo espaço.

– O que vocês acham que é música? – perguntou, com um olhar atento. – Quando saem de casa e pensam “vou para o Tambores da Magia”, o que sentem? O que faz vocês virem até aqui, mesmo sob o sol quente de um domingo?





DIÁLOGOS ANCESTRAIS



Os alunos se entreolharam. Por um instante, o tempo pareceu desacelerar, como se o mundo lá fora tivesse parado para escutar a resposta.

– Eu me acho na obrigação, não sei... – disse Ayo, franzindo a testa.

Odara inclinou-se ligeiramente para frente, curiosa:

– Mas que obrigação é essa que faz você vir para cá? Porque ninguém é obrigado.

– Eu venho mais pela resenha... – confessou Ayo, rindo.

– Ela gosta da resenha! – Odara sorriu. – Socializar também é parte da música.

– Eu venho por amor à música – interrompeu Dandara – Eu gosto muito de música, me sinto muito bem quando estou aqui.

Então temos uma que vem pela resenha e outra pelo amor à música. E você? – Odara olhou para um menino negro, que até então apenas ouvia.

– Eu venho para conhecer novos amigos.

A conversa ia tomando forma, como um rio que se alarga em seu percurso. Aos poucos, os sons do tambor começaram a se insinuar no diálogo.

– Quando vocês tocam o tambor, vocês lembram de alguma coisa? – perguntou Odara.

– Habilidade! – disse Dayo. – Tem que ter muita paciência, atenção no professor...

– Mas o tambor não é só técnica – continuou a Odara. – Ele traz algo a mais. Da onde vocês acham que ele veio?

– Da África! – respondeu Ayo com firmeza.





Odara assentiu.

– Mas será que os tambores vieram junto com os nossos antepassados nos navios negreiros? Vocês já imaginaram ser arrancados da própria terra, jogados num navio sujo, apertado? Tinha espaço para trazer um tambor?

Erê franziu os lábios.

– Talvez tenha vindo... Ou talvez alguém que veio de lá para cá conseguiu fazer um tambor aqui.

– Isso mesmo. O tambor, como tudo que nos foi tirado, teve que ser recriado, reimaginado. Ele não veio de madeira e pele, mas veio na memória, nas mãos, no ritmo do coração que nunca esquece sua batida original.

Um trovão distante reverberou no horizonte, mesmo sem nuvens no céu. ergueu a cabeça e disse:

– Quando eu toco o tambor, eu fico viajando...disse Taj, pela primeira vez





Odara sorriu.

– Viajar como?

– Sei lá... Eu vou para outro lugar. Parece que meu coração me leva.

– O tambor é um chamado, né? – disse Dandara.

– Exatamente! – Odara concordou. – O tambor é o chamado da ancestralidade. Quando vocês escutam o som do tambor, o que sentem?

Kaê olhou para o chão por um instante antes de responder:

– Eu escuto lá de casa, e ele me chama.

– A trilha sonora do pátio da escola – acrescentou Erê.

Oriki que escutava tudo com atenção, finalmente falou:

– Eu venho para a aula por causa da energia. Eu me sinto muito bem.

Odara respirou fundo e olhou ao redor.



– E se a gente pensar na ancestralidade? Quem são nossos antepassados? Vocês já pararam para pensar nisso

Bami foi a primeira a responder:

– Eu conheci minha bisavó, mas ela já não era lúcida...

O menino ao seu lado deu de ombros:

– Eu só conheço os avós dos meus pais.

– Mas e antes deles? E antes dos avós dos seus avós? Quem vocês acham que foram?

As folhas das árvores se agitaram de leve, como se uma presença invisível estivesse passando entre eles.



A coordenadora Ifáyomi interveio:

– A história de vocês vem sendo apagada, mas estamos aqui hoje porque resistimos. O tambor que vocês tocam não é só um instrumento, ele é um testemunho. Ele sobreviveu a séculos de apagamento, de dor e de luta. Hoje, ele ainda está aqui, no funk, no samba, no pagode, e também nos nossos corações.

Odara então se levantou e pegou a Kalimba, tocando uma melodia breve, como se chamasse de volta o fio do tempo. Então se levantou e pegou a Kalimba, tocando uma melodia breve, como se chamasse de volta o fio do tempo.

– Dizem que o mundo foi criado pelo som. O som é vida, é movimento, é resistência. O tambor sozinho não faz nada. Mas, quando vocês colocam as mãos nele, a história ganha voz, a ancestralidade se faz presente. Já pararam para pensar nisso? O grupo balançou a cabeça.





– O tambor existe porque vocês existem. É uma extensão de vocês.

E, assim, como quem escreve uma página invisível no tempo, os jovens começaram a tocar. Primeiro um ritmo tímido, depois mais forte, mais cheio, mais vivo. Cada batida parecia despertar algo antigo e novo ao mesmo tempo, como se, por um instante, todas as vozes do passado e do presente dançassem juntas no mesmo compasso.

De repente, o vento cessou. O silêncio foi preenchido apenas pelos tambores e pelas vozes que, sem perceber, já entoavam:

“Oro mi maio, Oro mi maio, Oro mi maio ê...”

As notas se espalhavam pelo ar, vibravam nos corpos, ecoavam no tempo. O pátio da escola Escola Ayòkúnlé já não era apenas um espaço de concreto e paredes. Era um portal, uma encruzilhada de tempos, onde os que vieram antes dançavam ao lado dos que estavam ali agora.

A aula terminaria, mas o som continuaria ecoando. Porque o tambor não se cala, e a ancestralidade nunca se esquece.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA

TOCANDO E CANTANDO

IJEXÁ





TUDO QUE BATE É TAMBOR
TODO TAMBOR VEM DE LÁ
SE O CORAÇÃO É O SENHOR,
TUDO É ÁFRICA!

PÔS EM PRÁTICA, ESSA TÁTICA,
MATEMÁTICA FALOU.

ENQUANTO A TERRA NÃO FOR LIVRE,
EU TAMBÉM NÃO SOU.

EMICIDA - PRINCIPIA



CONHECENDO O IJEXÁ

Na África Ocidental, entre os atuais territórios do Benim, Togo e Camarões, está a Nigéria, berço dos povos iorubás, entre eles os Ijexá. O ritmo que leva esse nome carrega consigo uma história de resistência, ancestralidade e espiritualidade, atravessando séculos e oceanos até se consolidar como um dos principais elementos da musicalidade afro-brasileira.

Com a diáspora africana, o Ijexá chegou ao Brasil através das memórias coletivas dos africanos escravizados, que trouxeram consigo suas tradições, seus saberes e sua espiritualidade. Apesar das condições desumanas da travessia atlântica, a cultura desses povos sofreu várias tentativas de apagamento; porém, foi em parte preservada e ressignificada no Brasil, dando origem a práticas religiosas, musicais e sociais que resistem até hoje.

O Candomblé, religião de matriz africana criada no Brasil, foi um dos espaços onde o Ijexá se manteve vivo, tornando-se um toque tradicional em celebrações dedicadas a vários orixás, especialmente Oxum, a senhora das águas doces, da fertilidade e do amor. Na Bahia, sua musicalidade se consolidou como uma marca da identidade afro-brasileira, estando presente tanto nos terreiros quanto nas manifestações culturais populares.



O Ijexá na Cultura Afro-Brasileira

Nos terreiros de Candomblé, o Ijexá é um dos ritmos mais utilizados para acompanhar as cantigas sagradas, que são entoadas para louvar os orixás e conectar os praticantes com suas ancestralidades. A sonoridade desse toque, fluida e hipnótica, reflete a energia de Oxum e de outros orixás que recebem essa cadência.



Fora dos terreiros, o Ijexá passou a integrar o Carnaval, especialmente através dos blocos afro, sendo o Afoxé Filhos de Gandhi, fundado em Salvador em 1949, um dos maiores expoentes dessa tradição. Os afoxés trouxeram o Candomblé para as ruas, transformando o Ijexá em uma manifestação cultural que representa a resistência do povo negro e a valorização da ancestralidade.

Na música popular brasileira, o ritmo foi amplamente adotado por artistas que reconheceram sua potência e beleza.



Muitas composições trazem o Ijexá em suas batidas, como:

- "É d'Oxum" – Gerônimo Santana e Everaldo Calazans (1985).
- "Ijexá" – Edil Pacheco (1982).
- "Banho de Folhas" – Emillie Lopa e Luedji Luna (2017)
- "Louvação a Oxum" – Ordep Serra e Roberto Mendes (1992).
- "Cordeiro de Nanã" – Os Ticoãs (1977).

Essas músicas demonstram como o Ijexá se manteve vivo e se renovou ao longo do tempo, sendo um elo entre o passado e o presente da cultura afro-brasileira

A Estrutura Musical do Ijexá

O Ijexá é um ritmo binário (2/4), caracterizado por sua fluidez e constância. Sua cadência convida ao movimento, tornando-se uma ponte entre a música, a dança e a espiritualidade. Nos terreiros, o ritmo é marcado pelos atabaques (rum, rumpi e lê), além do agogô e xequerê, que enriquecem a percussão e criam um efeito envolvente.

A musicalidade do Ijexá segue o princípio da tradição oral, sendo ensinada e transmitida coletivamente, sem necessidade de registros escritos. Esse processo de aprendizado reforça o papel da oralidade e da escuta ativa na preservação das tradições africanas no Brasil.





Logo,

O Ijexá é mais do que um ritmo; é uma expressão da resistência afro-brasileira, um símbolo da memória coletiva que ecoa em cada batida dos tambores. Sua presença nos terreiros, nos afoxés e na música popular demonstra sua força enquanto patrimônio cultural, reforçando a conexão entre os descendentes da diáspora africana e suas raízes ancestrais.

Ao conhecer e vivenciar o Ijexá, mergulhamos em uma história de luta, pertencimento e celebração da identidade negra. Que sua cadência continue a embalar os corpos, a fortalecer as vozes e a manter viva a memória de um povo que transformou dor em música e resistência em cultura.



IJEXÁ

RITMO, CULTURA E IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA





OBJETIVO GERAL

Promover o conhecimento e a vivência do ritmo Ijexá como expressão cultural afro-brasileira, unindo aspectos históricos, musicais e identitários. A sequência didática busca estimular reflexões sobre a importância da diversidade étnico-racial no Brasil, valorizando a tradição oral e a ancestralidade.



OBJETIVO ESPECÍFICOS

- Apresentar o contexto histórico e cultural do Ijexá, destacando sua importância na religiosidade afro-brasileira e na música popular.
- Desenvolver práticas musicais que permitam a experimentação do ritmo por meio de percussão, canto e expressão corporal.
- Refletir sobre a identidade e resistência cultural afro-brasileira através do estudo e vivência do Ijexá.
- Estimular a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem musical, promovendo um ensino coletivo e inclusivo.



PÚBLICO -ALVO

Estudantes do ensino fundamental, médio e universitário, com interesse em música e cultura afro-brasileira.



METODOLOGIA

A sequência didática será desenvolvida por meio de oficinas práticas e reflexivas, organizadas em etapas progressivas para facilitar a assimilação do conhecimento. O aprendizado ocorrerá pela escuta ativa, experimentação sonora, percussão corporal e diálogo sobre a ancestralidade musical do Ijexá.

OFICINA 01

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DO IJEXÁ





OBJETIVO

Apresentar as raízes africanas do Ijexá e sua importância na cultura afro-brasileira, destacando suas conexões com o candomblé, o afoxé e a música popular.



RECURSOS

Data show, slides, caixa de som, áudios MP3 e vídeos. Imagens e registros audiovisuais de toques de Ijexá em terreiros e blocos afro.



DESENVOLVIMENTO

Introdução sobre a origem do Ijexá na Nigéria e sua chegada ao Brasil com a diáspora africana;
Apresentação do papel do Ijexá no candomblé, especialmente nas celebrações a Oxum;
Exibição de trechos do documentário "Eu, Oxum", com relatos sobre a tradição do Ijexá;
Reflexão sobre a preservação das tradições afro-brasileiras e a resistência cultural do Ijexá.



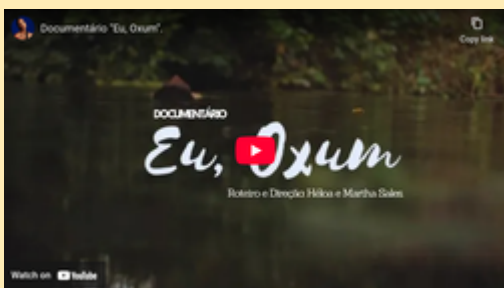
DISCUSSÃO


Qual a importância da oralidade na transmissão do Ijexá?
Como o ritmo do Ijexá se relaciona com a identidade afro-brasileira?



CARGA HORÁRIA: Duas horas


DOCUMENTÁRIO - EU, OXUM



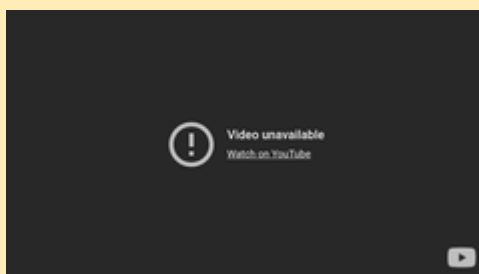
 VEJA AQUI

ABÊBÊ: TECNOLOGIA TRADICIONAL



 VEJA AQUI

A IMPORTÂNCIA DO IJEXÁ POR GILBERTO GIL



 VEJA AQUI

OFICINA 02

EXPERIMENTAÇÃO RÍTMICA E PERCUSSÃO CORPORAL





OBJETIVO

Explorar a estrutura rítmica do Ijexá, promovendo vivências práticas com palmas, percussão corporal e instrumentos alternativos.



RECURSOS

Instrumentos percussivos (atabaques, agogôs, xequerês ou materiais alternativos como copos e baldes).



DESENVOLVIMENTO

- Demonstração do padrão rítmico básico do Ijexá:

Ritmo 1: tá-tum-ta / tá-tum-tá

Ritmo 2: ta.ta-tum.tum / ta.ta.ta-tum.tum

- Execução do ritmo utilizando palmas e sons corporais;
- Distribuição de instrumentos e divisão da turma em grupos para tocar diferentes células rítmicas;
- Exercício de improvisação, permitindo que os alunos experimentem variações do ritmo;
- Use o vídeo com a base completa do Ijexá para os alunos compreenderem o todo.



DISCUSSÃO

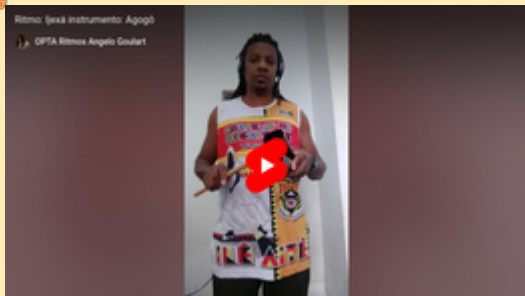
Como a prática coletiva do Ijexá contribui para o fortalecimento da identidade cultural?


Qual a relação entre o toque do tambor e a memória ancestral?



CARGA HORÁRIA: Duas horas

RITMO 1: AGOGÔ



 VEJA AQUI

RITMO 2: ATABAQUE



 VEJA AQUI

BASE COMPLETA IJEXÁ



 VEJA AQUI

CANTANDO O IJEXÁ





OBJETIVO

Explorar a relação entre o ritmo e o canto no Ijexá, utilizando cantigas tradicionais para compreender a musicalidade e a oralidade desse gênero.



RECURSOS

Caixa de som, áudios MP3 e letras de cantigas.



DESENVOLVIMENTO

Apresentação das cantigas "Oro mi maio" (Grupo Ofá) e "Oro mimá" (Bantos Iguape), destacando seus significados e suas relações com a ancestralidade.

Prática vocal coletiva, sem exigência de afinação, priorizando a energia do canto como experiência comunitária.

Exercício de integração entre canto e ritmo, dividindo a turma entre quem toca e quem canta.



DISCUSSÃO

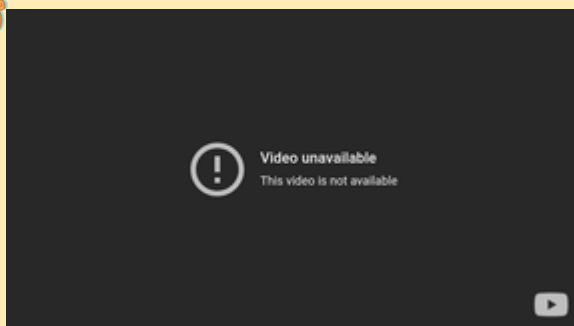
Como o canto e a percussão se complementam no Ijexá?
De que forma o canto fortalece a tradição oral?




CARGA HORÁRIA: Duas horas

CANÇÃO 1

Oro mi maio - Grupo Ofá




 VEJA AQUI

CANÇÃO 2

Oro mimá - BantosIguape



 VEJA AQUI

OFICINA 04

EXPRESSÃO CORPORAL E DANÇA NO IJEXÁ





OBJETIVO

Vivenciar o Ijexá através da dança e da expressão corporal, compreendendo sua fluidez e sua conexão com a espiritualidade.



RECURSOS

Áudios MP3, vídeos e demonstrações ao vivo.



DESENVOLVIMENTO

Exploração livre dos movimentos corporais ao som do Ijexá;

Introdução aos movimentos básicos da dança para Oxum e outros orixás que utilizam esse ritmo;

Reflexão sobre o corpo como meio de expressão cultural e resistência.



DISCUSSÃO

Como a dança no Ijexá se conecta com a identidade e a espiritualidade?



CARGA HORÁRIA: Duas horas



DANÇA 01

Passos do candomblé - Ritmo Ijexá

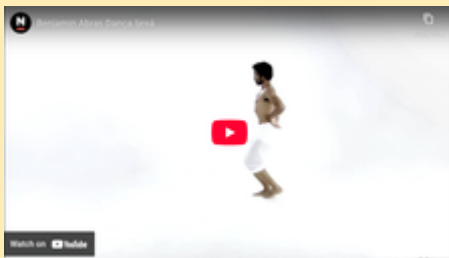


VEJA AQUI



DANÇA 02

Benjamin Abras Dança Ijexá



VEJA AQUI



INSPIRAÇÃO

Samba New York - Perform ijexá...



VEJA AQUI

**IDENTIDADE E RESISTÊNCIA
NA CULTURA AFRO-BRASILEIRA**





OBJETIVO

Refletir sobre a importância do Ijexá como símbolo de resistência, analisando sua presença nos afoxés e na música popular.



RECURSOS

Trechos de entrevistas com o grupo Filhos de Gandhi. Canção "Ijexá" (Clara Nunes).



DESENVOLVIMENTO

Análise da história do Afoxé Filhos de Gandhi e sua relação com o Ijexá;

Reflexão sobre o papel da música na afirmação da identidade negra;

Produção coletiva de uma composição musical inspirada no Ijexá.



DISCUSSÃO

Como o Ijexá contribui para a luta contra o racismo e o apagamento cultural?



CARGA HORÁRIA: Duas horas

ENTREVISTA FILHOS DE GANDHY



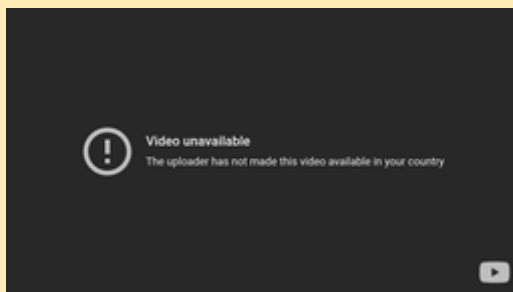
 **VEJA AQUI**


FILHOS DE GANDHY - CARNAVAL SALVADOR 2023



 **VEJA AQUI**

IJEXÁ - CLANA NUNES



 **VEJA AQUI**

OFICINA 06

ENCERRAMENTO COM RODA DE IJEXÁ E REFLEXÃO FINAL





OBJETIVO

Encerrar as atividades com uma vivência coletiva, integrando canto, percussão e dança.



RECURSOS

Encerrar as atividades com uma vivência coletiva, integrando canto, percussão e dança.



DESENVOLVIMENTO

Apresentação dos grupos que produziram composições na oficina anterior;

Reflexão sobre aprendizados adquiridos ao longo da sequência didática;

Roda final de Ijexá, reunindo todos os participantes para tocar, cantar e dançar juntos.



DISCUSSÃO

Como essa vivência impactou sua percepção sobre identidade e ancestralidade?



CARGA HORÁRIA:

Duas horas

AVALIAÇÃO CAMINHOS DA APRENDIZAGEM





A avaliação desta sequência didática será contínua e processual, considerando a participação ativa dos estudantes, o engajamento nas atividades práticas e as reflexões desenvolvidas ao longo das oficinas. Serão utilizados os seguintes critérios para a observação do aprendizado:

- **Participação e interação:** Envolvimento dos estudantes nas discussões e nas atividades musicais, rítmicas e corporais.
- **Compreensão do conteúdo:** Capacidade de relacionar o Ijexá com suas raízes históricas, culturais e espirituais.
- **Vivência musical:** Desenvolvimento da escuta, experimentação rítmica e integração do canto com a percussão.
- **Expressão corporal:** Apropriação dos movimentos e da dança como formas de conexão com a musicalidade do Ijexá.
- **Criatividade e sensibilidade:** Produção coletiva de músicas, improvisação rítmica e reflexões sobre identidade e ancestralidade.
- **Autoavaliação:** Relatos dos alunos sobre o impacto das oficinas no seu aprendizado e percepção sobre a cultura afro-brasileira.

A avaliação final será realizada na Oficina 6, com a roda de Ijexá e a reflexão coletiva sobre as experiências vivenciadas ao longo do processo.

REFLEXÃO FINAL

O SOM QUE NOS CONECTA





Falar sobre musicalidade afro-brasileira é, inevitavelmente, tocar em temas sensíveis como racismo religioso e intolerância. Isso porque os ritmos, cantos e expressões corporais que atravessam as tradições afrodescendentes no Brasil, como os que surgem dos terreiros de candomblé, ainda sofrem resistência por parte de muitos educadores e instituições. Essa resistência, muitas vezes, está enraizada em preconceitos históricos, religiosos e raciais que invisibilizam ou demonizam tudo aquilo que se conecta às raízes africanas.

A musicalidade dos terreiros não é algo à parte da cultura brasileira: ela é a própria base de muitos dos ritmos que hoje celebramos como identidade nacional – como o samba, o maracatu, o afoxé, o ijexá, entre tantos outros. Quando um professor se recusa a abordar essas expressões em sala de aula, por preconceito ou desconhecimento, ele não está apenas deixando de ensinar música. Está negando aos seus alunos o direito de se reconhecerem na história, na cultura e na força ancestral que corre em suas veias.

É preciso que os educadores se desarmem de estigmas e se abram ao aprendizado. Reconhecer os próprios preconceitos é o primeiro passo para superá-los. Nenhum espaço de ensino pode compactuar com a intolerância. O respeito à diversidade religiosa e cultural deve ser um pilar da prática pedagógica, especialmente quando se fala em uma educação antirracista.

Desde 2003, a Lei 10.639 tornou obrigatória a inclusão da história e da cultura afro-brasileira no currículo escolar. Essa legislação representa uma conquista do movimento negro e uma resposta às ausências e apagamentos sistemáticos que marcaram a educação brasileira. Integrar a musicalidade afro-brasileira ao ensino, além de ser uma possibilidade pedagógica, é uma exigência legal e ética. Ignorá-la é desrespeitar o direito à educação antirracista e plural, previsto em lei. A escola precisa ser um espaço onde a herança africana seja visível, valorizada e reconhecida como constitutiva da identidade nacional.

A musicalidade afro-brasileira ensina com o corpo, com o tambor, com a roda, com a memória. É uma herança viva, transmitida por gerações que resistiram ao apagamento e à violência. Integrar esses saberes ao cotidiano escolar é uma reparação histórica. É devolver dignidade a voz es silenciadas. É permitir que crianças negras se vejam representadas e valorizadas. É garantir que todas as crianças, negras e não-negras, aprendam a respeitar, a conhecer e a celebrar a pluralidade que forma o Brasil.

Portanto, ao tocar e cantar ijexá, ao estudar os ritmos dos terreiros, o educador precisa compreender que está lidando com uma herança sagrada. É que, para que ela floresça em sala de aula, é preciso haver respeito, escuta e disposição para desaprender estereótipos. Não pode haver espaço para o preconceito onde há desejo de ensinar com verdade. E a verdade é que a musicalidade negra ancestral é parte fundamental da cultura, da história e da educação no Brasil.

Axé


SUGESTÃO DE REPERTÓRIO





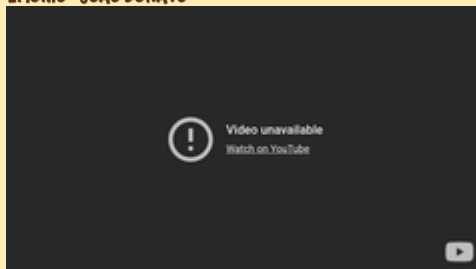
É D'OXUM - GERÔNIMO



 VEJA AQUI



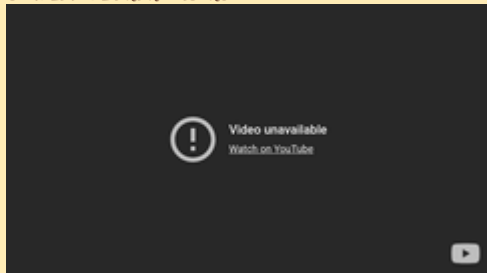
EMORIO - JOÃO DONATO




 VEJA AQUI



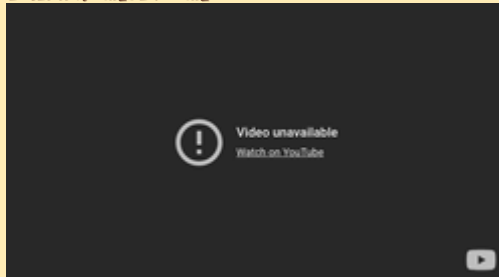
CORDEIRO DE NANÁ - TICOÃS




 VEJA AQUI



È MENINA - GILBERTO GIL



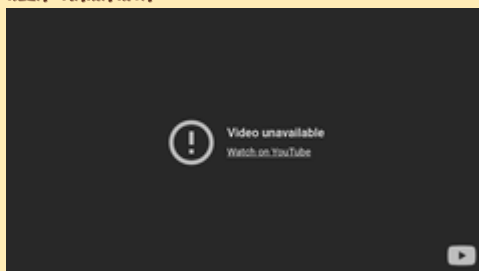
 VEJA AQUI

BANHO DE FOLHAS - LUEDJI LUNA



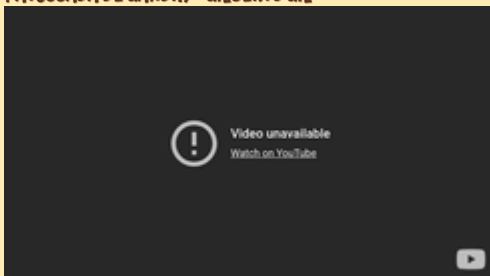
 VEJA AQUI


REZA - MARIA RITA



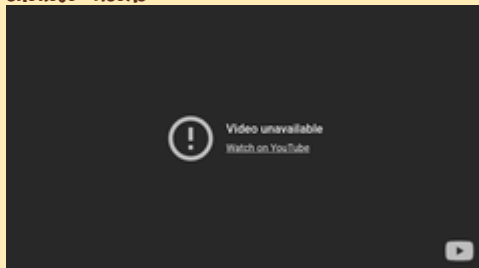
 VEJA AQUI

PATUSCADA DE GANDHY - GILBERTO GIL



 VEJA AQUI

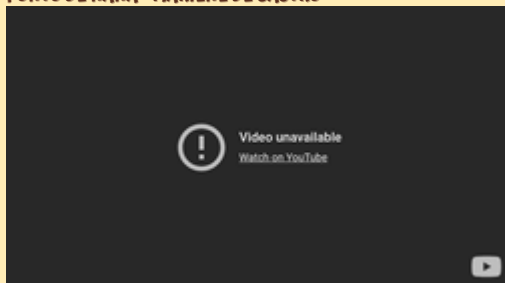
CHOROJÔ - TICOÃS




 VEJA AQUI



PONTO DE NANÃ - MARIENE DE CASTRO




 VEJA AQUI



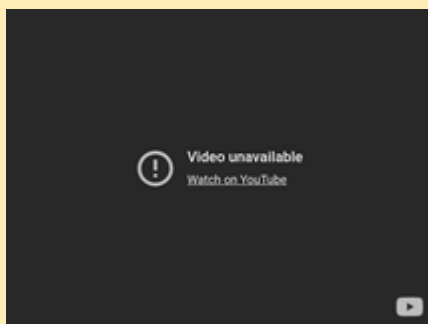
SUÍTE DO PESCADOR - DORIVAL CAYMMI




 VEJA AQUI



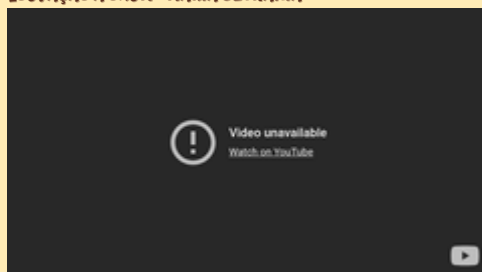
PRECE DO PESCADOR - MARIENE DE CASTRO




 VEJA AQUI



LOUVAÇÃO A OXUM - MARIA BETHÂNIA



 VEJA AQUI

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ALELUIA, Mateus; BATISTA, Heraldo; MOURA, Dadinho. Cordeiro de Nanã. Intérprete: Os Tincoãs. LP Os Tincoãs. Salvador: EMI-Odeon, 1977. 1 disco sonoro.

ARTÍSTICAS, Napele Produções. Benjamim Abras Dança Ijexa. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VVaKmfNJJXc>. Acesso em 15/03/25.

CASTRO, Mariene. Mariene de Castro - Ponto de Nanã. 2012. https://www.youtube.com/watch?v=CWSG_zKRCKw. Acesso em 15/03/25.

DUARTE, Gerônimo; CALAZANS, Everaldo. É d'Oxum. Intérprete: Gerônimo (ou MPB-4). Salvador: Independente, 1985.

ENCANTAXÉ. Passos do Candomblé. Ritmo Ijexá. Fácil Aprendizado. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tR9rTY4md64>. Acesso em 15/03/25.

FUTURA, Conexão. Carnaval: Filhos de Ghandhy – Conexão Futura – Canal Futura. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aP_OLIBFOOQ. Acesso em: 15/03/25.

GIL, Gilberto. Patuscada de Gandhi (AFOXÉ FILHOS DE Gandhi). 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2xXa6zAem1w>. Acesso em 15/03/25.

GIL, Gilberto. A importância do Ijexá por Gil/The Rhythm of Gil – Google Arts & Culture. 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pofM1usBWec>. Acesso em: 15/03/25.

GIL, Gilberto. É menina. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kKonyJb3MIs>. Acesso em 15/03/25.

HÉLOA. Documentário "Eu, Oxum". 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x_uMMWbpXgI&t=632s. Acesso em: 15/03/2025.

LOPA, Emillie; LUNA, Luedji. Banho de Folhas. Intérprete: Luedji Luna. Salvador, 2017.

LUIZ, Pocket do. Filhos de Gandhi -Carnaval 2023 – Salvador- Circuito Campo Grande. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-Q6VwPl1E5k>. Acesso em 15/03/25.

MUSIC, Nostalfic Brazilian. Os Tincoãs – Cordeiro de Nanã. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r_JGXRnCj5U. Acesso em 15/03/25.

NOGUEIRA, Alberto. Suíte do Pescador -Dorival Caymmi. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_HYi_AIP1n4. Acesso em 15/03/25.

OFÁ, Grupo. Oxum. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LKe6rI1dTHw>. Acesso em: 15/03/25.

OFICIAL, Maria Rita. Maria Rita – Reza (lyric Video). 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EhBIyXTSkpo>. Acesso em 15/03/25.

PACHECO, Edil. Ijexá. Intérprete: Clara Nunes. Salvador: Independente, 1982.

PAIXÃO, Marcos. Gerônimo – É D'Oxum. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L9alcaEQN8Q>. Acesso em 15/03/25.

RIO, Afoxé Filhos de Gandhi. Oro mimá por Batos Iguape. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=huLn5iWRSsQ>. Acesso em: 15/03/25.

TEMA, João Donato. Emoriô. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r_JGXRnCj5U. Acesso em 15/03/25.

SERRA, Ordep; MENDES, Roberto. Louvação a Oxum. Intérprete: Maria Bethânia. Salvador, 1992.

TEMA, Maria Bethânia. Louvação à Oxum. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2xXa6zAem1w>. Acesso em 15/03/25.

TUAC, Junior. Prece de Pescador – Mariene de Castro (Canto a Yemanjá). 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QMta-Jso9Pg>. Acesso em 15/03/25.

VEVO, Clara Nunes. Clara Nunes – Ijexá. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J3TW7zpwS3A>. Acesso em 15/03/25.

VEVO, Os Tintoãs. Os Tintoãs – Chorojô (Pseudo vídeo). 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2xXa6zAem1w>. Acesso em 15/03/25.

YBMUSIC. Luedji Luna – Banho de folhas (clipe). 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CoJ23XNHgG0>. Acesso em 15/03/25.

YORK. New Samba. Samba New York! Performs "ijexá" at Latin Festival of Lancaster, PA, 9/13/14. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=He21dWCHZTg>. Acesso em: 15/03/25.

